

## TODAS AS BONECAS

ARLEQUIM

**José Maria Braga**

Curso de Comunicação Social  
FAFICH

Detestava o relógio, sua monotonia. Detestava seus ponteiros e números. Não, não detestava o relógio. Odiava a vida. Mataria todos os homens, dessem-lhe a chance. Um ridículo apêndice entre as pernas.

E pensar que toda a humanidade escorreu através das mulheres... Abençoado ventre, maldita criatura.

Sente o chuveiro sendo desligado. Pode imaginá-lo apanhando a toalha e enxugando o pênis; começava sempre a enxugar-se pelo pênis. O movimento para enxugar as costas era-lhe único: passava longo tempo esfregando a toalha em diagonal, e ria-se satisfeito como se, naquele instante, o mundo o estivesse apreciando, atirado a seus pés.

Dá saltos, sempre esfregando a toalha. Agora gargalha, e todo o seu corpo responde a um enorme choque elétrico. Pára exausto. Vai ao espelho e, admirado, fica ouvindo o ritmo da própria respiração. Analisa o rosto, faz caretas, observa os dentes: precisa ir ao dentista. Devia pintar os cabelos. Os fios brancos dão-me um aspecto grosseiro, confundo-me facilmente com um trabalhador braçal. Estudara. Quatro anos de faculdade. Mais estágio. O creme para os olhos não tem adiantado, veja. Precitava de um novo barbeador. O pescoço anda terrivelmente irritado.

Por que não se recusava? Estava cansada de inventar doenças, acabaria tendo que masturbá-lo. Não queria outro filho. O médico proibira a pílula, estava em dia fértil. Não poderia calar-se para sempre.

Sentado na cama, passa a toalha entre os dedos do pé. Gostava da sensação de limpeza, o cheiro bom daquele quarto, a cama macia, a mulher de costas, deitada. Adorava aquela bunda bem torneada, firme. Quantas vezes não acordara à noite para escutar o sono da mulher, observando cada detalhe? Sentia-se um privilegiado, pensando nos amigos. Inegável a beleza de sua esposa. Sabia o quanto o invejavam. Percebia olhares de águia nos decotes da mulher, procurando uma folga no vestido. Conhecia-lhes as esposas: mulheres feias, desagradáveis, fumando vários cigarros sem parar, dedos amarelados pelo fumo, peitos caídos e imperdoáveis bundas retas.

Isto sabia. Não poderia calar-se para sempre. Mas como? Tinha hábitos esquisitos, horrivelmente nervoso e chegava em casa sempre depois de ter bebido. Falaria naquela noite. As palavras coçavam na garganta.

Como é excitante! Poderia ele algum dia olhar a mulher naquela posição, sem que o sangue lhe enchesse imediatamente o membro? Pouco provável, concluía. Tinha ímpetos de propor-lhe uma relação diferente, mas ela nunca entendia. E ele, com o tempo, contentara-se em olhar o que tanto desejava. Conhecia bem aquele corpo. Conhecia bem aquela mulher. Percebia, no seu silêncio, o quanto ela o amava. Sabia de seus mimos, pequenos caprichos, esses detalhes que os amantes conhecem melhor que os maridos. Ele, ao contrário dos amigos, era o amante e era o marido. Apenas uma coisa, uma só, não compreendia na esposa: a mania de conservar todas as bonecas, desde as mais antigas, bonecas que ganhara ainda criança. Que importância poderiam ter aquelas bonecas? Conformava-se, apesar de tudo. Afinal, nem Cristo conseguiu agradar a todos, e fechava a Bíblia sobre o criado. Nunca dissera, mas tinha certa vergonha da infantilidade da esposa.

Ela ardia em dúvidas. Seguiria o conselho do amigo?

Encontrara-o ocasionalmente na rua. Acabaram andando pela cidade. Ficou sabendo de sua vida. Contou-lhe a sua. Sentaram-se na praça, ainda existia a praça, e ficaram olhando as crianças correndo atrás dos pombos. O sorvete manchou-lhe a blusa. Guardou sem lavar. Deixaria de lembrança. Tira a camisa, está quente. Ela sugeriu, ele tirou. Entre uma risada e outra, olhava o seu peito nu, os braços frágeis, e sabia que também ele a observava.

Despediram-se. O sol desaparecia lento através das árvores, e a lua aparecia saliente, do outro lado. Namorados antigos, brincou olhando a lua. Ela riu. Ele desceu a rua, brincando nas grades das casas, era seu jeito. Existiam novamente os carros, a cidade. Um lóção passou com gente dependurada. Vontade de cantar. Não canta. Ficou um nome de rua amassado em suas mãos. Recusou-se a compreender o que acontecia. Naquela noite pensou muito no amigo.

Era apenas mais um de seus mimos: deitava-se sempre de costas, aparentando indiferença — ele sabia. Compreender as mulheres exigia pequenas sutilezas. Ria orgulhoso, alisando o bigode.

Não, não poderia seguir o conselho do amigo. Teria de descobrir a sua própria maneira, agora acreditava. Indomável, o sangue corria em suas veias, uma estranha coragem passeava em seus músculos, de alguma forma canalizava os impulsos contra o marido. Era inevitável: odiava aquele homem. E pensar que o julgou poeta, quando namorados. De onde será que copiava as poesias?

Aproximou-se. Primeiro, alisou o quadril, afagou os seios e deixou-se, em ereção, repousar encostado nela. Procurou o clítoris, umedeceu-a, tentou penetrá-la. Com as mãos, abria um pouco o caminho entre os pêlos.

O movimento dele vinha acompanhado de um gemido. Ela olhava as paredes brancas do quarto, pensava na mãe. Vontade de buscar a mãe, acorrentar aos pés da cama.

Agora, morde-lhe as costas, e ela morde o lábio. Um brilho quase imperceptível aparece em seus olhos. Alheia. Algo



1987

teatral (Luz caindo em off). As mãos lerdamente caídas descobrem um fósforo. Brinca, tenta colocá-lo de pé, faz pequenos círculos no chão, novamente tenta colocá-lo de pé e descobre não ter ele muita base. Ri um riso nervoso, comparando-se ao fósforo. Nesse instante, sente o marido saindo de dentro dela. Rolou para o lado exausto. Estava suado, arfava. Sob suas mãos, os tacos se mexeram. Logo os tacos do chão?, ironizou-se, pareciam tão firmes.

Um cachorro nasceu na madrugada. Um pernilongo passou zunindo. Dera-se conta de que o mundo estava em silêncio e voltou a detestar o relógio. A seu lado o homem ressonava. O cheiro de suor enchia o quarto. O pernilongo agora estava no centro da parede branca. A lua entrava pela janela. Pensava no amigo.

Glutão e bêbado. Dorme pesado. Um dia seu marido. Como é grotesco. O suor escorrendo pela barriga gorda, volumosa. As poças se formando nas dobras da virilha. O grunhido animal. O jeito estúpido de esparramar-se na cama sem limites. O peito grosseiramente molhado. O pênis murcho, ridículo, inútil. O pernilongo pousado na testa. A mãe em eco: engenheiro, minha filha, engenheiro.

Tateando chega à cozinha. Apanha água gelada. Os dentes doem. Gargareja, tentando desfazer o nó. Como andava descuidada, a geladeira estava completamente vazia. No dia seguinte iria ao supermercado. Uma última laranja, envelhecida. Tenta descascá-la. Cede à pressão da faca. Esqueceu a laranja, começou a se fixar na faca. Testou seu corte, a ponta, espetou-a levemente na palma da mão.

No quarto, teve o cuidado de virar para as paredes todas as bonecas. Sentiu-se observada. Delicadamente, caminhou para o pernilongo. Parecia muito maior. Seria um pernilongo fêmea? Estaria grávida?

Não queria outro filho.

Não fez muito barulho ao esmagá-lo contra a parede branca. Amanhecia. As bonecas choravam.